

GRUPO TEATRAL “DIRETO DO RIO”: RESISTÊNCIA E REPRESENTAÇÃO EM RIO BRANCO/AC (1988)

Elderson Melo

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Produções teatrais acreanas, história do teatro, arte e política.

INTRODUÇÃO

Os grupos teatrais, formados no Estado do Acre, a partir décadas de 1970-80, foram organizados pelos movimentos de militância política como uma forma de contestação ao processo histórico de mobilização e reconstituição sócio-econômica que envolveu a Amazônia na segunda metade do século XX. O teatro aí produzido seguiu as idéias intelectuais que, durante a segunda metade do século XX, permeou as classes artísticas brasileiras, caracterizando-se pela mobilização social e agitação política, sendo, por isso, considerado como um teatro de militância, no modelo adotado pelo CPC da UNE e também pelo *Teatro do Oprimido* de Augusto Boal. (CALIXTO, 2005)

Para melhor entendermos como esses grupos de teatro e, principalmente, como o Grupo “Direto do Rio” teve sua trajetória vinculada aos movimentos sociais acreanos, faz-se necessário descrevermos o contexto histórico-cultural em que se encontrava o Acre na década de 1980.

Nesse período e ao longo das últimas décadas do século XX, Rio Branco sofreu graves conflitos por posse de terras. Tratava-se do resultado de um acelerado processo de mudança e transformação, desencadeado a partir dos anos 70, com a entrada na Amazônia de grandes empresas e investidoras, oriundas de diversas localidades brasileiras, financiadas com dinheiro público e/ou incentivos fiscais, empréstimos bancários a juros insignificantes e mesmo, alguns poucos, com recursos próprios (BEZERRA, 1993).

Desse processo, surgiram grandes conflitos que envolviam os seringueiros, os posseiros, a polícia, a população e os políticos. Movimentos sindicais e associações, muitas ligadas à Igreja Católica, foram importantes vetores na luta contra a expropriação dos seringueiros e contra a destruição da Amazônia.

Os mecanismos de luta instaurados pelos novos proprietários de terras eram os de violência sobremaneira agressiva. Utilizavam a força de capangas fortemente armados e tentavam amedrontar e intimidar posseiros e seringueiros (ou quem quer que os apoiasse), para evitar qualquer forma de contestação a invasão das terras, proteção às comunidades locais ou de preservação da floresta.

Por outro lado, os militantes e partidários utilizaram-se de diversos mecanismos de comunicação, com o objetivo de alertar a população para os perigos que cercava a vida na cidade e também para denunciar a condição subumana em que se encontravam os seringueiros e ribeirinhos expulsos de sua terra e que viviam, agora, nas periferias da capital Rio Branco. Valeram-se, por exemplo, da criação do jornal “Varadouro”, publicação de grande referência no movimento social acreano e amplamente utilizado por artistas e intelectuais, da criação do grupo teatral Raízes e da inauguração do Cine Clube Aquiri. Ainda, muito mais amplamente, esses grupos realizaram encenações teatrais em espaços

abertos e salões particulares, o que permitiu a fixação dessa linguagem artística no estado e possibilitou a organização dos primeiros grupos de teatros amadores do Acre. (CALIXTO, 2005)

A Ditadura de 1964

No Brasil, ocorria, nesse mesmo período, o final da Ditadura de 1964. Depois de longo período de forte repressão política, social e cultural, o governo militar começava, já no final da década de 1970, a afrouxar a censura e a repressão. Durante a ditadura militar, o teatro, como um dos meios significativo de expressão, foi utilizado como forma de atitude política, por vezes adaptando-se as condições instauradas pelo próprio regime de governo.

As idéias de atuação políticas influenciaram fortemente as composições artísticas acreanas, na década de 1980. Segundo Socorro Calixto (2005), o teatro de grupo era usado como forma de engajamento político, que buscava incentivar a população a participar dos movimentos, denunciar os desmazelos da falência dos seringais e alertar acerca dos perigos que envolviam a vida na cidade.

Assim, é a partir desse contexto histórico em que o Grupo “Direto do Rio” produziu seus esquetes interpretados de forma rápida, irônica e objetiva nas noites do bar “O Casarão”. O resultado parcial da pesquisa e reconstituição histórica, aqui apresentado, foi elaborado por meio das publicações de jornais locais que divulgavam os esquetes, arquivos documentais fotográficos e iconográficos presentes em books individuais dos artistas e, principalmente, pelo processo de história oral, trabalhando com as memórias pessoais dos artistas e também de alguns freqüentadores do bar.

Grupo Direto do Rio

O Grupo Direto do Rio era composto pelos artistas Dinho Gonçalves, Ivan di Castella, Rogério Curtura, Antônio de Alcântara e Alexandre Nunes, importantes artistas da história teatral acreana, sempre produzindo espetáculos de relevância cultural e política para o Estado e que viriam a dirigir, posteriormente, importantes grupos de teatro locais, como o GPT e o Grupo do Palhaço Rufino.

Segundo Dinho Gonçalves, quando o grupo resolveu montar a Cia. de Teatro Direto do Rio encontrou no bar “O Casarão” a possibilidade de desenvolver suas idéias. O nome era uma provocação às concepções de cultura que colocavam a arte carioca, televisiva e cinematográfica, como a representação da cultura brasileira.

O teatro era carregado de sátira, ironia e bastante humor, que foram registrados pelos jornais locais devido às “cenas despojadas” e o “linguajar adulto”. Segundo o Jornal “O Rio Branco” (02/05/1988), *“O Grupo Direto do Rio faz apresentações com cenas ágeis, com motivos novos e discutidos no momento... Uma forma rápida e direta de fazer teatro que teima em achar alegrias e resolver os problemas do mundo em uma mesa de bar”*.

Os artistas utilizavam o gênero teatral *agit-prop* ou *happening*, que ficou famoso no século XX com a Revolução Russa. Essa forma teatral caracteriza-se por um teatro engajado, que, seguindo as concepções de mobilização política da Revolução de 1917, pressionara o teatro russo a uma ruptura

significativa com sua tradição teatral. Nesse movimento, as cenas eram apresentadas em comícios gigantescos que traziam atores para interagir com o público, criando espécies de festivais populares, diretamente patrocinados pelo Partido Comunista.

Meierhold e Vakhtângov declararam que o objetivo do teatro era fazer com que a massa fosse também a criadora da obra de arte, co-produtores do drama. Por isso, as peças eram apresentadas em direta interação com a platéia. (BERTHOLD, 2006 : 494).

Em sua proposta, o Grupo Direto do Rio experimentou, por meio de suas performances cômicas, um teatro de cunho político e engajado, no modelo do happening e do teatro de agitação russo. Primeiro, ao interagir com a platéia e levá-la a participar da cena. Segundo, ao trazer elementos sociais e políticos para as suas performances, questionando a todos quanto às condições sociais que prevaleciam no Acre.

Os artistas faziam cenas apenas com um roteiro, sem textos pré-elaborados, utilizando sempre a improvisação como elemento central. Com falta de espaço físico para as apresentações, eles envolviam todos os cantos do bar em um amplo processo de interação com o público, sempre aproveitando ao máximo a grande variedade de fregueses que, ao redor das apresentações, participavam, inevitavelmente, das performances.

Os esquetes tinham nomes chamativos, causando um certo estranhamento do público desde o contato inicial com a peça. Foram, nessa ordem, apresentados: *Lolita e Teobaldo*, *A escrita neo-Pós Erótica de Chapeuzinho Vermelho*, *Brika Brake do Miristrov*, *Era uma vez*, *Dois Coelhos com uma cajadada*, *RatracatrabulquesBum*, *Verruckt* e *Arranjos de Última Hora*.

Nessas apresentações, todos os elementos que constituíam o espetáculo – objetos de cena, adereços, maquiagem, figurinos – eram, como caracteriza Dinho Gonçalves, “despojados”. Os artistas brincavam com as personagens que geralmente eram prostitutas, homossexuais, sargentos arrogantes, estrangeiros excêntricos ou fazendeiros autoritários. Misturavam contos infantis e histórias reais. Denunciavam a expulsão dos seringueiros da sua terra e as diversas explorações vividas em seu convívio. Falavam sobre a condição desumana em que se encontravam as pessoas nos hospícios. Brincavam com dialetos e nomes. Conflitos pessoais e familiares. Denunciavam o descaso do governo com a população.

Considerações Finais

Por meio da arte, o Grupo “Direto do Rio” expunha o cotidiano que cercava os freqüentadores do bar. Sua escrita estava inserida em um contexto de lutas sociais e políticas no Acre, e era influenciada pelos movimentos culturais do século XX, pelas tendências adotadas pelo teatro brasileiro nos anos anteriores à década de 1980 e pelo movimento *agit-prop* de influência fortemente russa.

Os artistas representavam uma estética do teatro que se fundamentava na busca pela pluralidade teatral, incluindo novas linguagens na construção cênica acreana. Trata-se de um grupo efêmero que, de fato, não chegou a constituir uma companhia duradoura que sistematizasse sua técnica. No entanto,

ao fundamentar sua estética no diálogo com o popular, os artistas contribuíram no processo de validar um discurso de militância política, pondo em jogo os grandes problemas da reestruturação social e econômica acreana.

Referências Bibliográficas:

BEZERRA, Maria José et. al. **Cidade de Rio Branco – a marca de um tempo: história, povo e cultura**. Rio Branco: Globo, 1993.

_____. **A Invenção da Cidade: a modernização de Rio Branco na gestão do governo Guiomard Santos (1946-1950)**. Recife: UFPE, 2002, dissertação de mestrado.

BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro**. Tradução Maria Paula v. Zurawski, J.

Guinsburg, Sérgio Coelho e Clóvis Garcia. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CALIXTO, Maria do Perpétuo Socorro. **A Cidade encena a Floresta**. Rio Branco: EDUFAC, 2005.